

ARTIGO LIVRE

A formação em arquitetura na trajetória da professora Arinda da Cruz Sobral: entre ensinar o “B A BA” e “subir e descer andaimes”

The architecture education in the trajectory of Arinda da Cruz Sobral: between teaching “B A BA” and “subir e descer andaimes”

Camila A. Belarmino

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: Este trabalho explora a trajetória de Arinda da Cruz Sobral, professora de instrução primária e arquiteta. Arinda foi funcionária da antiga Prefeitura do Distrito Federal no Rio de Janeiro e cursou arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes. Pretende-se demonstrar, por meio de seu percurso, como, no início do século XX, a professora chegou ao campo da arquitetura e quais os possíveis significados históricos de sua experiência. A partir da análise de fontes provenientes de periódicos e com o aporte teórico das noções de campo, dominação masculina e experiência, foi possível situar não só a estrutura social do seu contexto, mas aspectos de sua agência. Dessa forma, a trajetória da professora e arquiteta foi explorada a fim de contribuir com a noção de variabilidade histórica a partir da diversidade de experiências de mulheres, como estudantes e profissionais, nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: magistério, arquitetura, mulher, Primeira República.

ABSTRACT: This work explores the trajectory of Arinda da Cruz Sobral, a primary school teacher and architect. Arinda was an employee of the former Prefeitura do Distrito Federal in Rio de Janeiro and studied architecture at the Escola Nacional de Belas Artes. The aim of this work is to demonstrate, through her journey, how she entered the field of architecture at the beginning of the 20th century and the possible historical meanings of her experience. Based on the analysis of periodical sources and using the theoretical framework of the notions of field, male domination, and experience, it was possible to identify not only the social structure of her context but also aspects of her agency. Thus, the trajectory of the teacher and architect was explored aiming to contribute to the notion of historical variability based on the diversity of experiences of women, as students and professionals, in the first decades of the 20th century in Brazil.

KEYWORDS: teaching profession, architecture, woman, First Republic.

*E-mail: milabelarmino@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5589-4425>

DOI: 10.22456/1983-201X.146099
Anos 90, Porto Alegre, v. 32 – e2025015 – 2025



Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY

Introdução

Provável primeira arquiteta da ENBA, a professora Arinda da Cruz Sobral, foi praticamente esquecida. Arinda nasceu em 4 de abril de 1883 no Rio de Janeiro. A profissional se casou em 1923 com João Henrique Belham, descrito como alto funcionário do Tesouro Nacional, e teve uma filha, Margarida Sobral Belham, que faleceu em 1932. Arinda ingressou na Escola Normal em fins de 1890 e se formou em 1906. Em 1907, a professora ingressou na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no curso de arquitetura sendo certificada em 1914.

Em vista destes dados iniciais, foram delimitados dois focos para este artigo. O primeiro deles trata do ingresso de Arinda na ENBA no momento interpretado como uma transição dos moldes da escola marcada pela crise institucional e por mudanças, dentre elas a que oficializou a matrícula feminina. Afirmar-se que Arinda frequentou a ENBA nesse momento em que o campo¹ profissional da arquitetura passava por um processo de reorientação do ensino cada vez mais voltado para a técnica e para a atividade prática.²

O outro ponto diz respeito às escolhas e possibilidades da professora e arquiteta em sua época e, neste sentido, propõe-se uma discussão com a produção historiográfica sobre mulheres, magistério e arquitetura. Estudos versam sobre a feminização do magistério e a formação da classe professoral ou sobre trajetórias individuais, enquanto, na arquitetura, há muito ainda o que se debater sobre a atuação de mulheres. No caso analisado, há uma personagem com duas formações e, por essa razão, se indaga: a dupla formação de Arinda pode ser entendida como uma possibilidade para mulheres em sua época?

A trajetória de Arinda nos convida a olhar para outras mulheres e suas agências. Através dela, percebemos a viabilidade de ações para além do lar e da profissão ligada ao cuidado. Haveria um certo dinamismo nos papéis definidos para a mulher? Estudar, trabalhar e ter duas profissões pode ser entendida como uma condição mais prismática conforme o entendimento de Carloni:

Elas foram silenciadas. Nós sabemos disso. Nós somos alvo disso hoje e mostrar exatamente o outro lado dessas mulheres que rompem, porque são várias, a gente consegue pescar, pelo menos na minha perspectiva [...] somente algumas por conta das fontes, das poucas evidências que nós temos, mas isso não significa que não foram importantes. E a grande questão que fica é como se dá esse processo de silenciamento ao longo do tempo. (Brasil Republicano – IHT – UFF, 2020, informação verbal).

Assim, a trajetória de Arinda nos indica que outros caminhos foram possíveis para professoras. Tais caminhos podem ser visibilizados à medida que se observam experiências individuais que confrontam generalizações vistas como regras e, conforme apontou Thompson (1981), trazem de volta os sujeitos para a história. Ainda segundo o autor, corroborando com a ideia de possibilidades múltiplas de experiência, “As maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência, desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita” (Thompson, 1981, p. 189).

Aproximando as ideias de Thompson (1981) e a atuação docente, Vidal (2010) se apropriou da noção de experiência, concluindo que seria fundamental considerar a trajetória de estudantes antes da carreira docente pelas seguintes razões:

Tenho denominado de trajetória escolar ao conjunto da experiência acumulada pelo sujeito professor ao longo de sua vida. Isso envolve modelos formadores e saberes. A perspectiva aqui é compreender a produção das práticas docentes no amplo ciclo da escolarização, o que suscita não apenas a insistência no estudo da importância das instituições de formação de professores, mas também o interesse em conhecer as experiências escolares vivenciadas em

diferentes ocasiões. Parto do pressuposto que, antes de se tornarem professores, os sujeitos constituíram-se como alunos. (Vidal, 2010, p. 713).

Assumindo o entendimento de Vidal (2010), intuímos que foi a partir de experiências no curso normal que Arinda escolheu cursar arquitetura. Analisando as fontes, foi possível compreender que, durante sua experiência na formação de professores, vivenciou situações, demonstrou interesses e manteve contatos com agentes que podem ter sido significativos na sua decisão de fazer arquitetura. Importante destacar as transformações educacionais, sociais e urbanas que se processaram pois observamos que estes elementos integraram a experiência de Arinda.

1. Mulheres, a educação formal e as instituições

Historicamente, houve diferenças entre o processo educativo formal e institucional para homens e mulheres. Entre fins do XIX e início do XX, no que tange às mulheres, a educação tinha um caráter predominantemente moral de preparo para o lar e para a maternidade:

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. (Louro 2018, p. 446).

Louro (2018) destacou que havia uma diversidade de concepções de educação, mas que a visão moral pautada em argumentos da suposta natureza feminina e masculina, eram hegemônicos. A partir desta constatação, pergunta-se: qual teria sido a experiência de Arinda como professora, estudante de arquitetura e arquiteta diante da moralidade que condicionava mulheres em papéis restritos no que concerne à educação e atuação profissional? Houve em suas trajetórias alternativas que garantiram outras oportunidades?

A fim de compreender a experiência desta agente, se pressupôs que era importante entender, a partir de Vidal (2010), as instituições frequentadas por ela e como estes ambientes proporcionaram elementos para dinamização de suas escolhas. Para isto, foi destacada a autonomia da Arinda em um contexto de mudanças educacionais executadas em nome da recente república.

A primeira experiência de Arinda em uma instituição escolar de formação profissional foi na Escola Normal. Sobre este tipo de formação, estudos aludem ao processo de “feminização do magistério”, em especial nas últimas décadas do século XIX. Algumas razões para esta situação foram:

fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. A presença dos imigrantes e o crescimento dos setores sociais médios provocavam uma outra expectativa com relação à escolarização. Esses fatores e ainda a ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais tudo concorria para a viabilização desse movimento. (Louro 2018, p. 449).

No entanto, existia uma dissonância de vozes quanto a maior presença das mulheres no magistério. Havia os que defendiam os supostos fundamentos da natureza feminina para o cuidado, traduzindo o magistério como uma extensão da maternidade. Enquanto outros colocavam em dúvida a capacidade da mulher para reger o ensino por sua presumida inferioridade. Louro (2018) apontou a maior intervenção do Estado na docência como um fator que contribuiu para feminização, além de outros fatores como a dinamização da economia, o surgimento de outras funções e a diversificação das formas de rendimento.

Em fins do XIX, de acordo com Hahner (2010), a educação foi fulcral nos debates sobre a modernização do país. A educação feminina foi pensada a partir da maternidade e da missão de educação dos filhos visando o progresso: “Assim relacionavam a educação da mulher ao ideal do destino nacional. Juntaram a fé do Iluminismo com a ênfase católica na superioridade moral da mulher e do seu papel de esposa e mãe” (Hahner 2010, p. 317).

Apesar do aumento no número de alfabetizadas no início do século XX, havia dificuldades para se chegar aos níveis secundário e superior e a Escola Normal se tornou uma das principais opções para a profissionalização feminina:

Está claro que as escolas normais forneceram as oportunidades desejadas pelas mulheres sem grandes recursos para que pudessem estender sua educação além do nível primário. As escolas secundárias particulares para meninas permaneciam caras e frequentemente com qualificação muito baixa. No Rio de Janeiro, as opções de educação pública, além da escola primária, se limitavam à escola normal e ao Liceu de Artes e Ofícios, que oferecia cursos de música, desenho e português para mulheres. (Hahner, 2010, p. 325).

Arinda, como mencionado, frequentou a Escola Normal da capital e também a ENBA. Nesta escola, as mudanças educacionais, a alteração de regime político e a crise institucional acarretaram uma série de transformações, especialmente para o curso de arquitetura.³ Vista como um baluarte da monarquia, a ENBA encampou uma luta pela permanência e por um enquadramento no campo educacional. Dentre as indefinições da escola, estava aquela relacionada ao nível instrucional pois, não era considerada nem ensino superior, nem profissional, o que gerava questionamentos quanto à sua existência.

As reformas educacionais da Primeira República também envolveram a ENBA e são indicativos da situação das mulheres na escola. A matrícula era vedada às mulheres, que só podiam se inscrever como estudantes de livre frequência em aulas específicas. Até que, em 1901, pelo decreto 3987 que definia um novo regulamento para a ENBA com base na reforma Eptácio Pessoa (Decreto nº 3890/1901), a matrícula foi facultada para o sexo feminino.

Contudo, as reformas dos anos de 1911 e 1915 trouxeram mudanças significativas para a ENBA com relação ao acesso aos cursos. Segundo Simioni (2019, p. 90), o aumento da exigência para matrícula no curso de arquitetura da ENBA impactava mais as candidatas, pois, como já indicado, os currículos das escolas visavam o preparo das mulheres para a vida doméstica e para o cuidado.

Segundo a Reforma nº 3.987/1901, deveriam ser apresentados comprovantes de exames de português, aritmética, elementos de geografia e de história. Para ingressar no curso de arquitetura, além desses, deveriam ser apresentados os certificados de álgebra, geometria, trigonometria, física e química. Em novo regulamento (Decreto nº 8.964/1911), foi estabelecido que no exame de admissão deveriam constar prova oral de aritmética, geometria, elementos da geografia e da história, física e química. No último regulamento da ENBA na Primeira República, além do exame de admissão, deveria ser realizada uma prova oral e escrita de português, língua estrangeira, aritmética e geometria prática, elementos de história geral e geografia. Para quem desejasse cursar arquitetura, o exame oral também incluía aritmética e elementos de geometria, álgebra e trigonometria.

O colégio que oferecia exame que oportunizava acesso às instituições como a ENBA era o Pedro II, que, até a década de 1920, não aceitava matrículas para o sexo feminino. A Escola Normal, o Liceu de Artes e Ofícios e algumas escolas católicas, eram instituições que mais ofereciam continuidade dos estudos para mulheres. Mas ainda assim eram restritos a certos grupos da sociedade e a ENBA não aceitava, por exemplo, certidões da Escola Normal, o que obrigava as normalistas a realizarem os exames de admissão da escola.

Analisando o conteúdo dos regulamentos da ENBA, os limites para que mulheres avançassem nos níveis de ensino e o grau de exigência na admissão, podemos sugerir que havia um gargalo para que elas frequentassem a escola. No caso da arquitetura, a desvantagem das candidatas era maior. O aumento dos exames de disciplinas técnicas e científicas dificultava o acesso às mulheres por terem pouco contato com as ciências exatas em suas formações, pois a prioridade era a educação para o lar. Esta pode ser uma das razões para a ausência de mulheres na arquitetura. E ainda é possível somar outros fatores, como a resistência à coeducação, o papel doméstico, a dominação masculina, entre outros.

Mas, apesar desses obstáculos, a ENBA foi frequentada por mulheres em seus cursos. A presença delas foi gradativamente aumentando e dentre as primeiras esteve Arinda, que, de alguma forma, por estratégias e oportunidades, conseguiu seguir os estudos e foi reconhecida por isso em sua época.

2. A experiência de Arinda da Cruz Sobral entre a arquitetura e o magistério

Arinda da Cruz Sobral (Figura 1), antes do curso de arquitetura, foi diplomada em 1905 pela Escola Normal da capital, sendo a colação de grau realizada no edifício do Pedagogium⁴ em 1906, com a presença de figuras políticas e do presidente da República que fez a entrega dos diplomas. O número de diplomadas foi expressivo, o que demonstra o processo de feminização do magistério e o investimento feito na classe professoral para o ensino primário.

Arinda participou de diversas ações nas unidades escolares, auxiliou nas atividades da Diretoria de Instrução, assumiu cargos de direção e promoveu cursos preparatórios para ingresso na Escola Normal. Um mapeamento das escolas públicas revelou sua atuação em diferentes unidades, incluindo o Instituto Profissional Feminino. Também atuou como fiscal e avaliadora de provas finais de instrução primária, das festividades e comemorações das escolas públicas da cidade, de exposições pedagógicas, de congressos de educação e foi diretora até sua jubilação na década 1930.

Em sua experiência no magistério, constatamos as relações que Arinda manteve com as artes e a arquitetura na organização de eventos, como a festa Litero-musical na Escola Azevedo Sodré em 1928 (Escola..., 1928, p. 4) e participação em atividades de aperfeiçoamento para professores como a ocorrida na ENBA em 1928. Na ocasião, Arinda participou de aulas de desenho, pintura, modelagem e da realização de uma exposição (Exposições..., 1928, p. 3).

Seguindo a proposta de Vidal (2010) sobre a relevância de experiências anteriores à docência, momentos da formação de Arinda na Escola Normal podem ser interpretados como contributos nas suas escolhas posteriores, como cursar arquitetura. O contato com aspectos e agentes do campo da arquitetura por parte da aspirante a professora, podem ter sido decisivos.

Assim sendo, em texto publicado na revista *Ilustração Brasileira* sobre a trajetória de estudantes da ENBA, “Os rapins de ontem. Artistas de hoje”, foram mencionados professores e artistas consagrados, tais como os irmãos Bernardelli, com citações e fotografias dos estudantes, incluindo Arinda. A ocasião foi uma visita ao Museu Nacional em 1904:



Figura 1– Arinda da Cruz Sobral, arquiteta e professora no Rio de Janeiro em 1913.
Fonte: Biblioteca Nacional (1932).

Uma visita ao Museu Nacional em 1904 – o Barão Homem de Mello e os seus discípulos Henrique Costa, escultor falecido em Paris; M. Leão, architecto; Mlle Arinda Sobral, architecta; Mlle Dinorah de Azevedo, gravadora laureada com o premio de viagem á Europa e Mlle Adelaide Gonçalves, pintora laureada nos “Salons” de Bellas Artes. (Rapins..., 1920, p. 38).

O artigo citava Barão Homem de Melo, ex-professor da ENBA conhecido por fomentar atividades culturais. No ano de 1904 Arinda era normalista e ainda não havia ingressado na ENBA. Tais atividades incluíram outras estudantes que também tiveram contato com o campo da arte e da arquitetura. Assim, há uma possibilidade de que, por terem vivenciado tais experiências, talvez tenham traçado caminhos além do magistério.

Outra atividade relacionada ao campo da arquitetura foi a visita às obras da Reforma Pereira Passos em 1906. Em matéria publicada na Gazeta de Notícias, com o título “Excursão das normalistas”, foi indicado que Arinda e mais 10 normalistas realizaram a visita sob orientação do engenheiro Ernesto da Cunha de Araújo Viana, docente da ENBA e do curso de História das Artes Plásticas no Brasil, ministrado no Pedagogium. As estudantes percorreram as obras do Teatro Municipal e do Palácio Monroe:

O Sr. Dr. Ernesto de Araujo Vianna, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, acompanhado de 11 normalistas, que, no Pedagogium, são suas alumnas no curso de Historia de Artes Plasticas no Brasil, visitou hontem á 1 hora o palácio Monroe, e ás 3 o theatro Municipal. Em ambos os edificios as normalistas se detiveram a ver o que de mais interessante se tem executado nas referidas obras. (Excursão..., 1906, p. 5).

As visitas contaram com a participação dos projetistas das obras: no Teatro Municipal, Oliveira Passos e no Palácio Monroe, Souza Aguiar. Foi descrito que no Monroe, Souza guiou as normalistas na observação de detalhes arquitetônicos, esculturas em mármore, aparelhos para iluminação elétrica, moldes para esculturas e ornatos, etc. Já na visita com Oliveira Passos no Municipal, elas viram a maquete em gesso, plantas e aspectos gráficos da obra do teatro, detalhes ornamentais do edifício, explicações sobre o arejamento e a ventilação da sala de espetáculos. Ao final, subiram até o telhado do teatro: “Em sua companhia [Oliveira Passos] as normalistas galgando andaimes e subindo escadas provisórias foram, com coragem admirável, assistir ao trabalho do revestimento de cobre que se escuta exteriormente na rotunda do teatro” (Excursão..., 1906, p. 5).

Decerto, tal visita, carregada de esclarecimentos sobre projetos simbólicos da Reforma Pereira Passos, pode ser entendida como uma prova do contato de Arinda com o campo que, um ano depois, escolheria para formação em mais uma profissão.

Conforme o currículo, Arinda fez os três anos de curso geral e depois mais três anos do curso especial de arquitetura. A estudante obteve reconhecimento pela qualidade de suas atividades, como por exemplo, segundo lugar no Concurso de Desenho Figurado em 1908 e terceiro lugar no ano de 1909. O curso de desenho figurado era um dos mais frequentados na ENBA tanto por estudantes regularmente matriculados, quanto por estudantes livres. Boa parte eram do sexo feminino, a ponto de a escola montar classes especiais para estudantes mulheres.

Em 1911, O Paiz anunciava a premente formação de uma arquiteta. O título do artigo, “Futura architecta”, fazia referência a Arinda, reportada da seguinte forma: “A vida escolar tem sido modelo de modéstia, circunspeção e trabalho, é um documento valioso de esperanças” (Futura..., 1911, p. 2).

Porém, parágrafos antes de abordar a temática título do artigo, foram explicitadas as condições da ENBA e seus cursos, em especial, o de arquitetura. Exaltava-se o fato de o curso ter sido definitivamente organizado em 1890, citava profissionais formados na instituição e atestava a importância da arquitetura na intervenção de projetos e na execução. Em vista disso, se propõe ter sido constituída uma relação entre a divulgação de mudanças pelas quais a arquitetura passava e a presença de uma mulher corroborando a modernização dos valores do curso, já que, conforme indicado, havia uma crítica ao caráter tradicional da instituição. Tal evidência pode ser reforçada pela menção à primeira arquiteta inglesa, ao final do texto, como um sinal de que o Brasil não estaria ultrapassado neste quesito.

De forma semelhante, em artigo de 1924, 10 anos após Arinda assinar o recebimento do título em arquitetura, ela foi lembrada como primeira arquiteta do Brasil em uma comparação com a França. Era enfatizado “Assim, pois, a Europa curvou-se, mais uma vez, ante o Brasil” (Mulheres..., 1924, p. 2), em uma referência ao episódio de Santos Dumont e seu primeiro voo. Logo, se acentua que, atrelar a imagem de Arinda às mudanças e às arquitetas de outros países considerados à época modelos de progresso e modernidade, pode ter sido uma forma de atestar a modernização do próprio curso de arquitetura e da ENBA.

O artigo de 1911 também apontava o que era necessário para o ingresso em arquitetura e como as reformas educacionais impactaram positivamente o curso. Foi enfatizado o rigor e o caráter prático do curso: “além de ensino especial deve ser considerado também superior” (Futura..., 1911, p. 2). Além do possível vínculo entre as mudanças no curso de arquitetura e a presença de Arinda, houve um destaque para sua capacidade em realizar as atividades de um curso que, naquele momento, era mais rigoroso. Neste caso, era citado o conjunto de matérias que concluiu e se afirmava:

Dependerá della e somente della esse diploma, mas quem com tanta aplicação e louvável aproveitamento se mostrou, durante cinco anos seguidos de estudos, saberá corresponder nos concursos da pratica vindoura. A sua vida escolar que tem sido modelo de modestia, circunspeção e trabalho, é um documento valiosos de esperanças. (Futura..., 1911, p. 2).

Todavia, neste mesmo trecho, é possível cotejar dois outros sentidos de interpretação. O primeiro diz sobre o que era definido para a mulher no âmbito dos estudos: mesmo em boa parte alijada do processo educativo institucional, ao fazer parte deste, não se esperava nada menos que dedicação de acordo com as capacidades de sua suposta natureza. O outro sentido se refere à tônica liberal em voga⁵ quando cada um deveria ser responsável por suas conquistas e que aparece na afirmativa: “dependerá dela e somente della esse diploma” (Futura..., 1911, p. 2). Excluía-se, deste modo, as limitações impostas às mulheres, as diferenças de percurso escolar entre os sexos e, neste caso em particular, o fato de Arinda ser não somente estudante de arquitetura, mas trabalhadora da educação. Tais elementos poderiam implicar para que sua trajetória não fosse tão bem-sucedida? Quão grande pode ter sido o empenho de Arinda para adequar atividades, escolhas e estruturas sociais calcadas na predominância do masculino?

Outro aspecto reforça a hipótese de que a experiência anterior e posterior no campo das artes e da arquitetura se relacionam com sua escolha profissional. Além disso, em suas atividades na ENBA e até após sua formação, foram encontrados dados que demonstram a continuidade de sua participação e promoção de eventos nos já referidos campos.

Como aluna da ENBA, participou de exposições presenciando e apresentando trabalhos, tais como a visita à Exposição do Centro Artístico Juventas na ENBA (Bellas Artes..., 1911, p. 4) e à Exposição dos irmãos Mattos em 1913 na Sociedade Brasileira de Geografia presidida por Barão Homem de Melo (Exposição..., 1913, p. 6). No mesmo ano, marcou presença, entre figuras importantes da sociedade, na Exposição de Artistas Argentinos na ENBA (A Exposição..., 1913, p. 5). Houve também um intercâmbio entre o magistério e a arquitetura quando, por exemplo, entre 1913 e 1914 participou das atividades da Exposição Pedagógica da Escola Modelo (Exposição..., 1913, p. 9).

Nestas atividades, o nome de Arinda, aparece junto a figuras reconhecidas, uma prova dos espaços e das redes sociais nas quais ela circulava. Figuras como Barão Homem de Melo, o próprio professor Ernesto, Coelho Neto e representantes do governo federal participaram dessas exposições.

Uma das atividades que pode ter sido significativa na experiência de Arinda, foi a exposição de 1910 (Artes... 1910, p. 4). Tal exposição foi marcante pois foi a primeira na nova sede da ENBA na Avenida Central. Dentre os estudantes que participaram estavam Nereu Ramos, Adolfo Morales de Los Rios Filho, Augusto Bracet e Dinorah Carolina Azevedo. Tais nomes são exemplos de profissionais das artes e da arquitetura que tiveram suas carreiras reconhecidas no ambiente intelectual e cultural do Rio de Janeiro.

Além do anúncio da exposição, foi enfatizada a organização da escola com um parágrafo abordando somente o curso de arquitetura, confirmando a ideia levantada anteriormente sobre as mudanças no curso, o maior rigor com que era concebido e da presença ativa de Arinda neste contexto:

O ensino de architectura é o que compreende, além do curso geral da escola, mais dois anos de curso especial theorico-pratico, e um anno ou mais (conforme o aproveitamento do alumno) do curso pratico que se ocupa inteiramente dos trabalhos de composição. O alumno que o completa, recebe o titulo ou diploma de architecto. (Artes..., 1910, p. 4).

Entretanto, apesar do reconhecimento e da divulgação da presença da única mulher no curso de arquitetura na ENBA, Arinda enfrentou percalços da estrutura social. Um dos episódios recuperados exemplifica o embate entre a estrutura de dominação masculina e a agência da professora e arquiteta⁶ no ambiente institucional.

Este caso foi da discussão que ocorreu entre Arinda e o professor Ernesto. A notícia foi publicada na sessão, “Última hora”, do jornal A Noite. Pelo relato, Arinda e seu pai encontraram o professor na calçada da ENBA e teve início a discussão: “A alumna accusava e o professor se defendia”

(Nos domínios... 1912, p. 3). A razão para a discussão teria sido as cartas anônimas que Arinda recebeu e que faziam correspondência com os olhares e as palavras que o professor lhe dirigia. Tais cartas foram classificadas pelo jornal como “cheias de ternura e palavras doces”. O fato foi parar na polícia, onde, segundo a notícia, pela qualificação para diplomacia do delegado, foi resolvido. Ernesto prometeu nem sequer olhar para Arinda e teve suas palavras registradas no jornal dizendo que contava com o mal-entendido por parte da aluna, pois havia cortado relações há três meses por ela supor estar sendo vítima de perseguição. O texto foi encerrado com a fala do professor: “O escândalo não tem a importância que poderão emprestar-lhe” (Nos domínios... 1912, p. 3).

A partir desta experiência, ficam evidentes alguns desafios que Arinda enfrentou. O assédio sofrido pela aluna em um ambiente escolar predominantemente masculino pode ter sido abrandado por uma dita doçura e ternura das cartas recebidas. Sua fala foi ocultada no relato e o uso de expressões como “mal-entendido”, a suposição de “perseguição” ou até a intervenção diplomática do delegado tendiam a descartar a possibilidade de verdade no testemunho de Arinda. Ao que parece, o que importava no relato era a discussão e a ação da autoridade para conter os ânimos.

A última fala de Ernesto pode indicar sua dimensão do acontecimento: ele parece ter se preocupado mais em desmerecer o caso do que promover sua defesa através da veementemente negação da acusação, estratégia que podemos encarar como uma violência simbólica: “violência simbólica, violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (Bourdieu, 2020, p. 3).

Não importava o caso e as palavras de Arinda, pois se ela ou outras mulheres se sentissem incomodadas com cartas e olhares cheios de ternura e doces, qual a gravidade?

A professora e aluna de arquitetura encontrou com o professor na Avenida Central, marco da capital civilizada. Ali, ela não se calou, confrontou e acusou o mestre, que a essa altura já tinha reconhecimento no campo das artes e da arquitetura, em frente à instituição onde exercia suas atividades e construía sua distinta imagem. Desta forma, é preciso destacar que, assim como a imagem de primeira arquiteta da ENBA e de professora exemplar não foram apagadas naquele contexto da capital, a voz de Arinda não foi calada por completo no embate com o mestre.

3. A professora que arquitetou um edifício

Em 1911 Arinda projetou a Capela São Silvestre no Rio de Janeiro. Este parece ter sido o seu único projeto; contudo, a partir dele, é possível sinalizar significados sobre sua trajetória.

O projeto da capela e a inauguração das obras foi anunciado por periódicos entre 1911 e 1912. A capela foi encomendada pelo Coronel João Victorino da Silveira e Souza junto a Alberto Saraiva da Fonseca, Paulo de Frontin e moradores da região de Santa Tereza. Consta que Arinda realizou o projeto (Figura 2) sob a orientação do professor Ernesto:

Nas 17 publicações encontradas, figuram relatos sobre as festividades de lançamento da pedra fundamental, a celebração do ano novo no local da construção e a “Festa dos alicerces da Capelinha”. Assim, no dia 24 de dezembro de 1911, foi lançada a pedra fundamental da capela com a presença do presidente Marechal Hermes da Fonseca, Arinda e convidados. Foi descrito que ele examinou o projeto que, junto à ata e aos jornais do dia, foram depositados em uma caixa de metal nos alicerces da capela.

Em tais matérias já era anunciada a festividade do dia 31 de dezembro de 1911 que se realizaria em torno do altar erguido a São Silvestre. A festa foi registrada com detalhes das atividades e convidados pela imprensa. Dentre eles, mais uma vez, estavam o presidente da República e sua família.

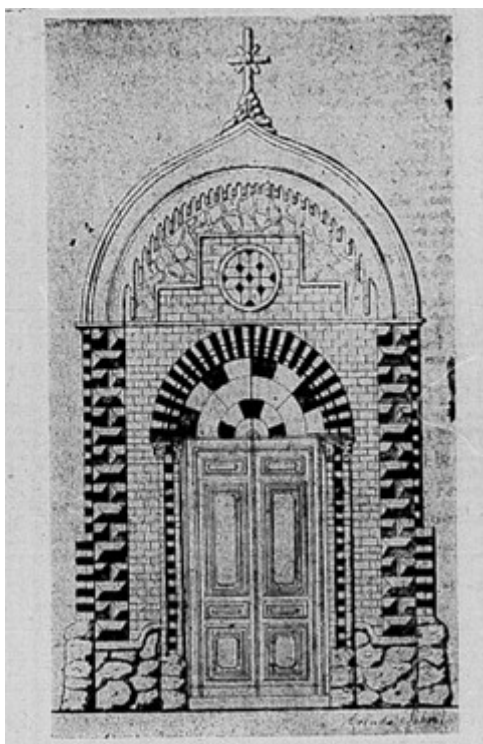


Figura 2– Projeto de Arinda da Cruz Sobral para a Capela São Silvestre no Rio de Janeiro. Fonte: Correio de Manhã (1911).

A maior parte dos relatos traz a informação de que haveria luz elétrica na região cedida pela Light, companhia elétrica e de bondes da capital naquela época. Outras figuras importantes da sociedade estiveram presentes: Coelho Neto, Souza Aguiar, Belfort Roxo, etc. Cabe notar que se tratava de engenheiros que também estavam ocupados com ideias e projetos na cidade. Alguns artigos chamavam a atenção para o bom número de presentes e para a duração dos festejos que perduraram pela madrugada.

A terceira festividade, chamada por alguns jornais de “Festa dos alicerces da Capellinha”, ocorreu no dia 20 de janeiro de 1912, data de aniversário da fundação da cidade do Rio de Janeiro, segundo os periódicos. A celebração do início das obras da capela ocorreu em dia chuvoso, mas tal situação não teria impedido a presença de convidados e da imprensa. Coronel Victorino ofereceu a refeição e na lista dos presentes, assim como nas outras ocasiões, estavam figuras importantes. O presidente não foi, mas enviou um representante, o militar Reginaldo Teixeira. Também nesta festividade, os convidados teriam escrito bilhetes em uma caixa que foi enterrada junto aos alicerces.

A repercussão do projeto na imprensa ao destacar as festividades, os presentes e a elaboração de Arinda, é um aspecto que vale ser evidenciado. As fontes trazem desde relatos até notas de um parágrafo. Há de se notar que a imprensa acompanhou o lançamento do projeto até o início das obras. A importância dos envolvidos nas atividades de celebração e no projeto podem ser a chave para compreensão da ressonância nos periódicos. Neste caso, até mesmo o local do projeto talvez tenha suscitado tal interesse.

Observar os agentes é uma valiosa estratégia para compreensão da realização de projetos de arquitetura. A partir desse exercício, é possível apontar os interesses e significados de uma obra no tempo em que foi concebida. Além disso, tal procedimento permite visualizar a variabilidade histórica de agentes e obras, já que, comumente, projetos podem ser eleitos para compor a historiografia da arquitetura a partir de aspectos como, as dimensões, a localização, se é um projeto público, se foram elaborados por nomes consagrados, entre outros fatores. O projeto elaborado por Arinda não tinha grandes dimensões. Sobre a localização, podemos levantar alguns elementos, como será visto adiante.

Contudo, apesar de Arinda não ter sido reconhecida posteriormente, a presença de personagens relevantes para o campo da arquitetura e do governo, pode atestar o interesse e a notoriedade do projeto.

Sobre a festa de ano novo que ocorreu no local de construção da capela, o *Jornal do Brasil* publicou: “A floresta do Sylvestre, no caminho do Corcovado, esteve hontem em grande parte iluminada á luz electrica, realizando-se ali os anunciados festejos populares” (S. Sylvestre..., 1912, p. 5). Na maioria dos relatos sobre a festa de ano novo, a iluminação foi salientada, conforme o trecho citado. Cabe destacar que a eletrificação de pontos da cidade e dos bondes estava ocorrendo e se relacionava ao projeto de modernização da capital (Rocha, 2007). Portanto, considera-se que a iluminação elétrica da festa em meio a floresta ganha destaque por ter sido um elemento pragmático e simbólico no que diz respeito à modernidade da capital, assim como esboçado no trecho sobre a “festa dos alicerces da Capellinha” em 20 de janeiro: “O pittoresco bairro do Sylvestre parece entrar em uma éra de grande progresso, devido os esforços de um grupo de moradores, tendo à frente o coronel João Victorino” (No Sylvestre..., 1912, p. 4).

A região em que estava situado o bairro do Sylvestre, isto é, em meio a Floresta da Tijuca, não era desconhecida ou desabitada, pois nos artigos aparecem referências aos moradores locais. O adjetivo “pitoresca” e a menção à floresta, remetem a aspectos que até hoje são salientados sobre a região. Neste sentido, é oportuno explicitar que desde o Império, a área que hoje compreende o Corcovado e a Floresta da Tijuca, já suscitava atividades turísticas. Na década de 1890, por exemplo, foram efetuadas obras para construção da estrada de ferro, um hotel e um mirante naquela localidade. Há uma proximidade temporal entre a eletrificação dos bondes pela Light em 1909 e a festa em 1911, quando a mesma companhia cedeu a iluminação. É possível, desta forma, estabelecer uma relação entre as transformações que a capital passava com a Reforma Pereira Passos, os interesses e os investimentos feitos na região que poderiam extrapolar uma aparente vontade local de construção de um monumento religioso. Assim como a área central passou por mudanças, outras regiões, como Santa Tereza e a Floresta, também passaram. Portanto, o projeto da capela, os festejos e as transformações urbanísticas da época são aspectos que podem ser cotejados.

Em 16 de 17 artigos encontrados, Arinda foi mencionada como autora do projeto. Na ata de lançamento da pedra fundamental no dia 24 de dezembro de 1911, que foi reproduzida em alguns periódicos, consta: “[...] tendo sido o desenho do projecto elaborado pela normalista D. Arinda da Cruz Sobral, alumna architecta da Escola Nacional de Bellas Artes, segundo o programma que lhe foi dado pelo professor da mesma escola, Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna” (S. Sylvestre..., 1911, p. 3).

Além da menção em ata como autora do projeto, Arinda foi lembrada como a primeira arquiteta a se formar no Brasil, sendo também destacado que ela era professora municipal:

O desenho do projecto foi elaborado pela Sra. D, Arinda Sobral, a primeira brasileira a diplomar-se em architectura. A Sra. D. Arinda é normalista diplomada pela Escola Normal do Districto Federal e professora adjunta de 1ª classe na Diretoria da Instrucção Publica Municipal. Até 1907 nenhuma senhora se havia matriculado na Escla Nacional de Bellas Artes com destino ao curso de architectura. D. Arinda Sobral foi a primeira e única até agora. (S. Sylvestre..., 1911, p. 3).

Na publicação feita por O Paiz, foi salientado como “nota original”, o fato de o projeto ter sido feito por uma senhora e por ela ser primeira a se formar em arquitetura no Brasil. Posteriormente, foram retomadas as palavras do artigo “Futura architecta” de 16 de dezembro de 1911 com um acréscimo: “Embora modesto e simples, o projecto do oratorio a S. Sylvestre é o primeiro trabalho da lavra da primeira architecta brasileira e depois de construindo ficará muito interessante” (Festas..., 1911, p. 3).

Os relatos comprovam que a profissional foi reconhecida não somente pela realização do projeto, mas pelo fato dela ser professora e primeira arquiteta. Havia uma dupla vinculação profissional à imagem de Arinda que era apresentada não apenas nos artigos sobre a capela, mas em outros. Mesmo que ela não estivesse em franca produção, o que de fato não foi constatado através de fontes, a associação entre ser arquiteta e ser professora era frequente, o que pressupõe a legitimidade que Arinda alcançou em ambas as atividades profissionais.

Cabe, neste ponto da análise, um questionamento sobre a escolha de Arinda para realização do projeto. Tratar-se da primeira mulher a cursar arquitetura, pode ser uma das respostas a esta indagação. Como evidenciado nas fontes, a citação de arquitetas na Inglaterra e na França, por exemplo, demonstram a valorização da figura feminina atuando no campo da arquitetura como uma condição de modernidade nos papéis sociais. Mas foi possível traçar outro entendimento em que se leva em conta agentes em torno dela.

Deste modo, esquadrinhando a rede de relações de Arinda, se observa que a figura de Ernesto esteve presente na sua formação como professora, sendo o mesmo professor que orientou o projeto da capela. O Coronel João Victorino era funcionário da prefeitura e indícios mostram que atuou na Diretoria de Instrução Municipal. É possível que as relações entre estes agentes agreguem mais uma razão para que Arinda tenha sido escolhida para realizar o projeto.

A professora e arquiteta era mencionada por sua presença em atividades sociais, artísticas e sociais, sendo reconhecida em tom elogioso, conforme o exemplo a seguir: “Festejam ante-hontem o seu aniversário natalício a distinta senhorita Arinda da Cruz Sobral, ilustrada professora municipal e architecta recentemente formada. Em sua residência, por esse facto, foi muito felicitada, recebendo das famílias de sua amizade altas provas de apreço e consideração” (Nos Suburbios, 1913, p. 7).

Observando a projeção que as figuras que participaram das festividades da capela tinham na sociedade e a maneira como Arinda era mencionada em diferentes momentos nos periódicos, é possível apontar que ela circulava em espaços frequentados pelas elites sociais, políticas e intelectuais do contexto carioca, sendo reconhecida tanto como arquiteta quanto professora.

Tal justificativa, no entanto, não diminui sua imagem enquanto profissional. O que se almeja é uma compreensão das possíveis dinâmicas de escolha de projetos entre profissionais do campo da arquitetura. Inúmeros fatores, para além da qualidade profissional, podem confluir para que projetos fossem destinados à profissionais. E, dentre estes fatores, é pertinente considerar as redes de relações que profissionais estabeleceram. Não deixando de lado que, no caso de mulheres, a estrutura de dominação masculina impactava mais nestas relações e, conseqüentemente, nas escolhas para autoria de projetos.

Conclusão

Arinda foi uma agente histórica que agregou vários processos sociais em sua experiência. Neste caso, sua importância se dá não somente por ter sido a única mulher no curso de arquitetura, mas porque acompanhou transformações importantes para a ENBA, para o campo da arquitetura e para a cidade do Rio de Janeiro. Com relação ao ensino de arquitetura, esteve presente nas mudanças educacionais de início do século XX e que impactaram na concepção da profissão com mais ênfase nas atividades práticas e técnicas.

Observa-se que sua experiência também desvela as mudanças no campo do magistério, tais como o processo de feminização da profissão, as transformações republicanas com a ampliação das escolas primárias e as propostas das reformas educacionais na Primeira República. Além disso, nos ambientes que frequentava e nas atividades que participava ou promovia, circulavam figuras de renome, prova de que suas redes de relações poderiam ser tão significativas quanto de outros tantos profissionais de arquitetura e do magistério em sua época.

No já citado artigo publicado no *Correio da Manhã*, Arinda teria decidido pela carreira de professora: “É certo que, mlle. Arinda, que acumula as funções de architecta com a de professora municipal, preferiu continuar a ensinar o B A BA’ aos guryrs, a subir e descer andaimes, fiscalizando obras...” (Mulheres... 1924, p. 2). A escolha de Arinda, em uma perspectiva comparada com outras carreiras de arquitetas e arquitetos, poderia ser um dos motivos para a definição de um papel menor ou de ausência na história da arquitetura no Brasil? Pode ser que sim. Porém, mesmo considerando esta situação, outros motivos para o esquecimento de Arinda precisam ser elencados.

Há um tangível impacto da dominação masculina na construção de narrativas na arquitetura e urbanismo. O ideal do mestre criador constituiu, por um longo tempo, um padrão historiográfico nestes campos semelhante ao campo das artes:

O grande artista é concebido como aquele que detém a genialidade; a genialidade, por sua vez, pensada como um poder atemporal e misterioso, de alguma maneira incorporada à pessoa do grande artista. [...] Essas suposições são intrínsecas a um grande número de estudos históricos sobre arte. Não é acidente o fato de que as condições cruciais para que se produza grande arte sejam raramente investigadas. (Nochilin, 2016, p. 14).

Portanto, podemos assumir que uma das razões para a ausência de Arinda e outras arquitetas na história se concretizou por motivos estruturais. É por essa razão que este artigo se ancora na busca por conceitos, formas de análise e interpretação que tornem visíveis a existência de agentes como Arinda. Recorrer a noção de experiência, analisar o campo onde a agente se inseria, buscar as vivências anteriores à arquitetura e destacar sua agência foram algumas das estratégias utilizadas para reconhecer o papel da profissional no campo da arquitetura.

Referências

- BOMENY, Helena. Educação e Brasil na Primeira República. In: MOURÃO, Alda. GOMES, Ângela de Castro (org.). **A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRASIL REPUBLICANO – IHT - UFF. **Intelectuais, sociabilidades, relações de gênero e protagonismo feminino (RJ, 1870 – 1930)**. Youtube, 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ddPmS-2v3Xo&t=7s>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção**. Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985. São Paulo: Ed. Perspectiva/EDUSP, 1972.
- HAHNER, June E. A escola normal, as professoras primárias e a educação feminina no Rio de Janeiro no fim do século XIX. **Revista Gênero**, v.10, n.2, 2010.
- LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2018.
- MARQUES, Sônia. **Maestro sem orquestra**. Um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil, 1820-1950. Dissertação (Mestrado em ciências sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- NOCHLIN, Linda. Por que não existiram grandes mulheres artistas? In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). **Histórias da sexualidade**: antologia. São Paulo: Masp, 2017.
- ROCHA, Amara S. de S. A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da belle époque. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2042>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SIMIONI, Ana Paula C. **Profissão artista**: Pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

UZEDA, Helena C. de. **Ensino acadêmico e modernidade**: O curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930. 2006. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

VIDAL, Diana G. A docência como uma experiência coletiva: questões para debate. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. et al. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Fontes

A EXPOSIÇÃO dos artistas argentinos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 10488, p. 5, 25 jun. 1913.

ARTES e artistas. Escola Nacional de Bellas Artes. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 9222, p. 4, 3 jan. 1910.

BELLAS ARTES. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 3669, p. 4, 04 ago. 1911.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Álbum de artistas**. 1932. Fotografias diversas.

BRASIL. Decreto n. 3890/1901, de 01 de janeiro de 1901. Approva o Código dos Institutos Officiaes de Ensino Superior e Secundario, dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. **Diário Oficial da União**: seção 1: Executivo, p. 447, 25 jan. 1901a. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3890-1-janeiro-1901-521287-norma-pe.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BRASIL. Decreto n. 3987/1901, de 13 de abril de 1901. Approva o regulamento para a Escola Nacional de Bellas Artes. **Diário Oficial da União**: seção 1: Executivo, p. 1799, 18 abr. 1901b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3890-1-janeiro-1901-521287-norma-pe.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BRASIL. Decreto n. 8964/1911, de 14 de setembro de 1911. Approva o regulamento para a Escola Nacional de Bellas Artes. **Diário Oficial da União**: seção 1: Executivo, p. 11949, 29 set. 1911b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8964-14-setembro-1911-498573-norma-pe.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CORREIO DA MANHÃ. **S. Silvestre**. 1911 [dez.]. 1 imagem.

ESCOLA Azevedo Sodré. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 44, n. 16.027, p. 4, 06 set. 1928.

EXCURSÃO normalistas. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1906. Ano 32, n. 313, p. 5.

EXPOSIÇÃO Mattos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 10401, p. 6, 30 mar. 1913.

EXPOSIÇÃO Pedagógica. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 10637, p. 9, 27 dez. 1913.

EXPOSIÇÕES escolares de desenho e modelagem. Duas demonstrações de esforço e capacidade do professorado carioca. **O Jornal**, Rio de Janeiro, Ano 10, n. 3052, p. 3, 07 nov. 1928.

FESTAS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 9946, p. 3, 30 dez. 1911.

FUTURA architecta. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 9232, p.2, 16 dez.1911.

MULHERES architectas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 9079, p. 2, 17 jan. 1924.

NO SYLVESTRE. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1481, p. 4, 22 jan. 1912.

NOS DOMINIOS da arte... **A Noite**, Rio de Janeiro, ano II, n. 376, p. 3, 27 set. 1912.

NOS SUBURBIOS. **A Epoca**, Rio de Janeiro, ano II, n. 372, p. 7, 6 ago. 1913.

RAPINS de ontem. Artistas de hoje. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, jan.1920.

S. SILVESTRE. **A Notícia**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 334, p. 3, 28-29 dez. 1911.

S. SYLVESTRE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 22, p. 5, 01 jan. 1912.

Notas finais

¹ O conceito de campo tem fundamento na teoria dos campos de Bourdieu. A acepção, campo da arquitetura, tem como referência o exercício profissional que se estabeleceu através da formação institucional em arquitetura no Rio de Janeiro. Entendemos que o campo da arquitetura é resultado de um processo histórico complexo e dinâmico que se constituiu como um espaço de lutas e forças entre seus agentes e instituições (Bourdieu, 2003; 2004).

² Sobre o tema da crise na ENBA e o curso de arquitetura, ver Durand (1972), Marques (1983) e Uzeda (2006).

³ Em fins de século XIX até a primeira metade do século XX, as mudanças no curso de arquitetura da ENBA foram tais que, por exemplo, o curso deixou de fazer parte da estrutura desta escola e passou a compor uma faculdade independente a partir de 1945.

⁴ O Pedagogium foi um museu pedagógico que, além de exposições, ofertava atividades de instrução para a classe professoral da capital.

⁵ Sobre o liberalismo e a relação com a educação na Primeira República, Bomeny (2011, p. 322) destaca: “O ideal de um liberalismo à americana conformava a mentalidade e configurava a convicção de ser parte daqueles que se moveram pelo ideal do self made man. Em todos os seus discursos, a mística do esforço e do mérito associado ao empenho pelo trabalho prevalecia como fundamento do que defendia como ideal republicano de homens livres e educados”.

⁶ A dominação masculina pode ser compreendida como um conjunto de elementos dinâmicos e historicamente definidos, porém muitas vezes amparados na ideia de natureza, que determinam o papel do feminino submisso e do masculino dominante. Para o autor, a dominação masculina foi se desenvolvendo através do tempo com a transformação do histórico em natureza. São crenças, valores, símbolos, espaços, fatores sociais, econômicos, psicológicos, dentre outros, que definem uma hierarquia entre homens e mulheres (Bourdieu, 2020).

Submetido em: 28/02/2025
Aceito em: 20/08/2025